



ENFRENTAMENTOS DA MULHER NEGRA BRASILEIRA EM UMA PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL

Grace Bessinger Oliveira da Silva¹
Lavínia Carvalho Brito Neves²

Resumo

Este artigo tem como objetivo contribuir para a compreensão dos enfrentamentos da mulher negra no cenário brasileiro. Através da análise histórica das marcas deixadas pelo período da escravidão no Brasil, torna-se necessária a reflexão a respeito dos efeitos psíquicos, sociais e culturais dos mecanismos raciais que permanecem atuantes na sociedade brasileira. Buscou-se através do conceito psicanalítico do Ideal do Eu, compreender a influência que o racismo exerce sobre a formação da identidade e do psiquismo da mulher negra. A pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica, e buscou analisar, através da produção de autoras e autores estudiosos do campo das Políticas Públicas, da Psicologia Social e da Psicanálise, a relação entre o racismo estrutural e a formação da identidade da mulher negra, bem como estabelecer estratégias de enfrentamento a esta configuração.

Palavras-chave: Desafios. Mulher negra. Ideal do eu. Racismo.

Introdução

As marcas deixadas pelo período da escravidão no Brasil são evidentes. As mulheres negras - as maiores afetadas pela herança discriminatória deixada pela escravidão - são vistas como coadjuvantes dentro da sociedade, associadas a funções e trabalhos de menor valor social, enfrentam dificuldades diárias para se sentirem pertencentes em uma sociedade que tem o racismo enraizado em sua cultura (GONZALEZ, 2020).

Partindo deste contexto, este trabalho busca compreender os fatores desencadeadores e os mecanismos que reforçam a exclusão e a discriminação

¹ Graduanda do curso de Psicologia UGB-FERP.

² Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise (UERJ), Docente do UGB.



direcionadas à mulher negra no Brasil, país onde a branquitude prevalece como padrão de superioridade formador de identidades.

Sabe-se que a identidade do sujeito é formada através das identificações com os pais ou substitutos, e com os agentes sociais através da cultura (FREUD, 1914); e, à mulher negra essa possibilidade é vedada, fazendo-a forçosamente introjetar ideais e traços relativos à branquitude.

Por meio do conceito psicanalítico do Ideal do Eu - elaborado por Freud - acrescido por estudos relativos às Políticas Públicas e à Psicologia Social, este trabalho visa compreender o processo de formação da identidade da mulher negra, e as possíveis influências do racismo estrutural neste processo, juntamente com as consequências psíquicas, sociais e culturais vivenciadas na existência destas mulheres.

A metodologia utilizada no presente artigo foi a revisão bibliográfica, baseada na leitura de livros e artigos relacionados à temática discutida, com caráter exploratório e com abordagem qualitativa. Através dos campos da Psicanálise, Psicologia Social e Políticas Públicas, buscou-se compreender os processos históricos relativos à mulher negra e as consequências destes processos; buscou-se também pensar em possibilidades de estratégias de enfrentamento a esta configuração.

Metodologia

Historicamente, a mulher ocupou o papel de coadjuvante na sociedade, atuando em segundo plano na grande maioria dos espaços que não fossem o lar, onde, de acordo com o patriarcado, seria o “seu lugar”. Na cozinha, na criação dos filhos, no cuidado com a casa, com seus companheiros e parentes, esses seriam os únicos espaços onde as mulheres poderiam brilhar. Poderiam e deveriam, porque essa seria sua função ou missão.

Além de todos os enfrentamentos comuns às mulheres em geral, a mulher negra experienciou uma série de desafios de cunho étnico-racial. O período da escravidão no Brasil, por exemplo, que perdurou por cerca de três séculos, e



aparece como um dos marcos mais evidentes na vida e na história da mulher negra, deixou muitas cicatrizes que se arrastam por gerações, causando problemas físicos, psicológicos e sociais a serem transpassados por esse grupo de mulheres.

As mulheres em geral conquistaram garantias que lhes permitiram ocupar outros espaços que não fossem apenas o lar, e também cumprir outras tarefas que não fossem unicamente atividades vistas como “femininas”. Porém, às negras reservava-se os ensinamentos sobre prendas domésticas, resultando em mulheres direcionadas à trabalhos braçais, vinculadas à tradição do cuidado e do serviço ao outro.

A estrutura desigual de oportunidades que se arrasta desde a escravidão, ou desde a abolição, gera desigualdades no cenário atual da mulher negra no Brasil (GONZALEZ, 2022). Mulheres negras continuam sempre um passo atrás em busca de seus direitos, em busca de lugar de fala e de pertencimento.

A normalização do racismo estrutural resulta numa sociedade que se mantém inerte ao ver locais de poder e fala como universidades, espaços políticos, cargos elevados dentro de organizações públicas ou privadas, sendo ocupados maioritariamente por pessoas brancas.

A naturalização da supremacia branca é reforçada pelo pacto narcísico de autopreservação - ou pacto da branquitude - como se pessoas brancas mantivessem acordos não verbalizados para inviabilizar as contribuições de pessoas negras na sociedade (BENTO, 2022).

Diante dessa inviabilização, a mulher negra se vê sem identidade, a sua invisibilidade se torna angustiante, fazendo-a questionar seu potencial e sua própria existência, seu lugar no mundo.

Ao afirmar a brancura como algo superior, puro, admirável, sugere-se indiretamente à mulher negra que seu corpo seja inadequado ao padrão supostamente determinado como sublime. A partir disso, insere-se um ideal de busca por essa brancura, essa pureza.

Se o ideal do eu representa uma referência a qual se deseja alcançar, e se o corpo e as produções negras não são considerados dignos de serem desejados, instaura-se um conflito inconsciente no psiquismo da mulher negra,



onde a inadequação do corpo preto frente aos ideais brancos se torna fonte de angústia e atravessamentos. A angústia da mulher negra, frente ao ideal de branquitude, constitui-se pelo desejo de pertencimento, reconhecimento, acompanhado pela impossibilidade de se alcançar o objetivo fantasiado: tornar-se branca (SOUZA, 2021).

O fortalecimento e empoderamento da mulher negra se dá pelo estímulo ao pensamento crítico, pela informação, comprometimento e participação ativa nos processos de enfrentamento aos mecanismos impostos pelo racismo, pela inserção dessas mulheres no ambiente acadêmico, nos processos de produção do conhecimento, nos locais de fala, nos espaços de poder. E também, valorizar e consumir mais das produções científicas, artísticas e literárias de autoras e autores negros, de modo a estimular a mulher negra a falar de si através do seu próprio olhar.

Resultados e Discussão

A mulher negra ocupou papel de coadjuvante dentro da sociedade, sendo associada a funções e trabalhos de menor valor social, espaços onde a branquitude considera próprios para essas mulheres. A partir deste contexto, procurou-se compreender os fatores desencadeantes e os mecanismos que reforçam o comportamento excludente direcionado às mulheres pretas. Nesse sentido, este estudo possibilitou a partir do conceito de Ideal do Eu, aprender que a identidade do sujeito é formada através das identificações com os pais ou seus substitutos, e também com os agentes sociais por meio da cultura.

Com a violência histórica decorrente do período da escravidão, a população negra foi arrancada do seu seio familiar, tendo sua história apagada e sendo exposta aos valores e costumes da população branca – a branquitude. A partir disso, o Ideal do Eu da mulher negra, constitui-se por meio de identificações que não condizem com a construção do corpo negro e de sua conformação.

A branquitude, a qual forçosamente serve de base para a construção dos



ideais da mulher negra, foi eleita como identidade superior que ocupa uma posição privilegiada na sociedade e estabelece os padrões comparativos para os demais grupos, evidenciando a estrutura racista e seus mecanismos atuantes no contexto social. A partir das violências geradas pelo racismo estrutural, a estrutura psíquica da mulher negra elabora a negação, conceito psicanalítico, como modo de defesa diante da discriminação vivenciada diariamente.

Considerações Finais

Este artigo possibilitou relacionar a atuação dos mecanismos do racismo estrutural aos enfrentamentos sociais, psíquicos e culturais aos quais estão expostas as mulheres negras. Com base na compreensão dessa configuração, foi possível estabelecer direcionamentos para a criação de estratégias de enfrentamento e transformação da realidade dessas mulheres.

Durante o estudo, foram verificadas ainda outras questões que não puderam ser abordadas especificamente neste momento, como: a maternidade solo predominante em mulheres negras; as diferenças empregadas às mulheres através do colorismo; a falsa ideia da democracia racial; a inclusão x o tokenismo; entre outras. Essas questões demonstram que outros estudos podem e devem ser elaborados, a fim de explorar a complexidade e riqueza do assunto, que ainda não foi esgotado.

Referências

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 152 p.

FREUD, Sigmund. **Obras completas - Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12. P. 27-29.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.



GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.171p.